

UM PERCURSO HISTÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO NO BRASIL: TRAJETÓRIAS, VERTENTES E A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO RELATIVAMENTE AUTÔNOMO

A HISTORICAL OVERVIEW OF DISCOURSE ANALYSIS IN BRAZIL: TRAJECTORIES, TRENDS, AND THE CONSTRUCTION OF A RELATIVELY AUTONOMOUS FIELD

Thiago Barbosa Soares¹

Universidade Federal do Tocantins/CNPq

Resumo: Este artigo traça o percurso histórico da Análise do Discurso (AD) no Brasil, desde sua recepção das teorias francesas de Pêcheux e Foucault até a constituição de um campo de pesquisa plural e relativamente autônomo. Objetiva-se mapear como a AD se institucionalizou e diversificou em vertentes como a materialista, a foucaultiana, a dialógica e a semântica do acontecimento, promovendo releituras criativas e desenvolvendo teorias discursivas próprias. Paralelamente, problematizam-se os limites e tensões inerentes a esse percurso, especialmente a condição de incompletude constitutiva do campo, sua transversalidade disciplinar e os desafios ético-políticos decorrentes do esgarçamento interpretativo, em diálogo com as críticas decoloniais. Conclui-se que a vitalidade da AD brasileira reside justamente em sua capacidade de sustentar um tensionamento produtivo entre o gesto de estabilização teórica e o impulso contínuo de autorreflexão crítica, configurando-se como uma prática discursiva engajada e responsável, essencial para a leitura dos complexos fenômenos sociais e comunicacionais contemporâneos.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Brasil; história intelectual; descolonização; incompletude.

Abstract: This article traces the historical trajectory of Discourse Analysis (DA) in Brazil, from its reception of French theories by Pêcheux and Foucault to the constitution of a plural and relatively autonomous research field. It aims to map how DA became institutionalized and diversified into trends such as the materialist, Foucauldian, dialogical, and event semantics approaches, promoting creative reinterpretations and developing original discursive theories. Simultaneously, it problematizes the limits and tensions inherent to this trajectory, especially the constitutive incompleteness of the field, its disciplinary transversality, and the ethical-political challenges arising from interpretive fraying, in dialogue with decolonial critiques. It concludes that the vitality of Brazilian DA lies precisely in its ability to sustain a productive tension between the gesture of theoretical stabilization and the continuous impulse of critical self-reflection, configuring itself as an engaged and responsible discursive practice, essential for reading contemporary complex social and communicational phenomena.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Diretor de pesquisa na Propesq/UFT e pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

Keywords: Discourse Analysis; Brazil; intellectual history; decolonization; incompleteness.

Texto de autor convidado.

Considerações iniciais

A Análise do Discurso (AD) emerge na França no final dos anos 1960, em um contexto de ruptura com o estruturalismo e de efervescência política e intelectual, consolidando-se como uma disciplina que busca articular língua, história e ideologia (Pêcheux, 1997; Foucault, 2012). Sua chegada ao Brasil, a partir dos anos 1970, não se deu como mera transposição de um modelo teórico, mas como um processo complexo de recepção, releitura e ressignificação, marcado pelas especificidades históricas, sociais e epistemológicas do contexto brasileiro. Desde então, a AD no Brasil vem se configurando como um campo de pesquisa heterogêneo, plural e em contínua expansão, no qual diferentes vertentes, materialista, arqueogenealógica, dialógica, crítica, enunciativa, semântica do acontecimento, entre outras, coexistem e disputam sentidos, contribuindo para a formação de um ambiente acadêmico singular que pensa o discurso como objeto central de investigação.

Inicialmente, a AD brasileira esteve profundamente influenciada pela tradição francesa, especialmente pelos trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault, considerados “inspiradores” fundamentais (Ruiz, 2021). No entanto, como destaca Ruiz (2021), pensar a AD “no e do Brasil” implica reconhecer a construção de uma história discursiva própria, que, sem negar as influências estrangeiras, promove releituras criativas e desenvolve arcabouços teóricos singulares, marcados pelo “jeitinho brasileiro” de fazer ciência. Nesse sentido, a AD no Brasil não se limitou à reprodução de teorias importadas, mas engendrou “teorias brasileiras de discurso” (Baronas, 2015), como a “semântica do acontecimento” de Eduardo Guimarães (2005), que reconfigure conceitos fundadores a partir de problemáticas locais.

Paralelamente, a institucionalização da AD no país, sobretudo a partir dos anos 1980, foi crucial para sua consolidação como campo. A criação de grupos de pesquisa, a inserção da disciplina nos currículos de Letras, a realização de congressos e o fomento de agências como CAPES, CNPq e FAPESP permitiram não apenas a difusão da AD, mas também a emergência de um cenário discursivo multifacetado (Ferreira, 2018). Esse processo esteve intimamente ligado ao desenvolvimento da História das Ideias

Linguísticas (HIL) no Brasil, área que, a partir de uma perspectiva discursiva, passou a investigar a construção do saber metalinguístico e a constituição da língua nacional, problematizando noções como língua imaginária, língua fluida, gramatização e políticas linguísticas (Orlandi, 2002; Guimarães, 2005).

No entanto, esse percurso de apropriação e ressignificação não está isento de tensões. Como aponta Soares (2023), a AD brasileira ainda carrega em sua formação imaginária vestígios de uma colonialidade do saber, na qual a intelectualidade europeia é frequentemente tomada como referência incontestada, relegando ao silenciamento produções e histórias locais. A crítica decolonial revela a necessidade de descolonizar não apenas a AD, mas todo o campo do saber produzido no Brasil, propondo uma “antropofagia epistemológica” que assimile teorias estrangeiras de forma crítica e criativa, sem submissão intelectual.

Assim, o percurso histórico da AD no Brasil é marcado por um duplo movimento: de um lado, a institucionalização e a diversificação de vertentes teóricas que ampliaram o escopo de objetos de estudo, incluindo discursos institucionais, políticos, literários, mas também piadas, charges, memes e produções verbo-visuais do cotidiano (Ruiz, 2021); de outro, um tensionamento constante entre a herança europeia e a busca por autonomia teórica e descolonização do pensamento. Este artigo busca mapear e refletir sobre esse percurso, analisando como as diferentes vertentes da AD no Brasil colaboraram para a construção de um ambiente acadêmico no qual o discurso se tornou um objeto central de investigação, tanto no interior da universidade quanto em suas reverberações na sociedade brasileira.

Uma parte do percurso: uma história incompleta

Dentro desse cenário multifacetado, a vertente materialista da AD, inspirada em Pêcheux, encontrou solo fértil no Brasil, onde a noção de “condições de produção” e a crítica à ilusão do sujeito soberano foram instrumentalizadas para analisar discursos políticos e midiáticos, especialmente em contextos autoritários (Orlandi, 2012). Aprofundando essa linha, a análise de discurso de linha francesa (ADF) no Brasil não se restringiu à análise política, mas expandiu-se para investigar a constituição de memórias sociais, a formação de identidades e os processos de subjetivação em diversas materialidades, da escrita à imagem (Gregolin, 2006; Ferreira, 2018). Paralelamente, a

vertente foucaultiana, com seu foco nas relações entre saber e poder e nos dispositivos de governamentalidade, ofereceu ferramentas para pensar a historicidade dos discursos científicos, jurídicos e pedagógicos, contribuindo para uma crítica das instituições e dos regimes de verdade que estruturam a sociedade (Foucault, 2012).

Outra contribuição significativa foi a consolidação de uma perspectiva enunciativa e semântica do discurso, que, dialogando com a filosofia da linguagem e a linguística textual, buscou compreender os mecanismos de construção dos sentidos na interação. A “semântica do acontecimento”, proposta por Guimarães (2005), é emblemática dessa releitura criativa, ao deslocar o foco das estruturas estáveis para o evento de significação, situado histórica e intersubjetivamente. Essa abordagem, ao lado de outras que exploram a enunciação e a polifonia (a partir de Bakhtin), enriqueceu o debate metodológico, propondo análises que captam a dinâmica e a disputa inerentes aos processos discursivos.

Contudo, como bem problematiza Soares (2025), a proliferação de vertentes e a ênfase na multiplicidade interpretativa podem também conduzir a um esgarçamento dos limites da análise, onde o relativismo ameaça desconstruir os próprios critérios de validade do conhecimento. Este risco, perceptível em fenômenos contemporâneos como a pós-verdade, exige da AD um contínuo exercício de autorreflexão sobre seus fundamentos e suas responsabilidades ético-políticas. É nessa conjuntura que ganha força o chamado à descolonização da análise do discurso brasileira (Soares, 2023), que não se trata apenas de incluir autores periféricos no cânone, mas de questionar a própria formação imaginária eurocêntrica que estrutura muitas de nossas práticas teóricas, propondo uma ecologia de saberes que valorize as epistemologias locais e os modos outros de produção de sentido.

Assim, o percurso histórico da AD no Brasil é marcado por um duplo movimento: de um lado, a institucionalização e a diversificação de vertentes teóricas que ampliaram o escopo de objetos de estudo, incluindo discursos institucionais, políticos, literários, mas também piadas, charges, memes e produções verbo-visuais do cotidiano (Ruiz, 2021); de outro, um tensionamento constante entre a herança europeia e a busca por autonomia teórica e descolonização do pensamento. Este artigo busca mapear e refletir sobre esse percurso, analisando como as diferentes vertentes da AD no Brasil colaboraram para a construção de um ambiente acadêmico no qual o discurso se tornou um objeto central de investigação, tanto no interior da universidade quanto em suas reverberações na sociedade brasileira.

Por um outro lado do percurso: mais incompletude

Se, por um lado, as teorias do discurso, em especial a Análise do Discurso de linha materialista, a perspectiva dialógica de Bakhtin e a arqueologia foucaultiana, oferecem ferramentas potentes para desnaturalizar os sentidos e desvelar as relações de poder inscritas na linguagem, por outro, é necessário problematizar seus próprios limites e sua condição inescapavelmente *inacabada*. Como afirma Soares (2024), o discurso, enquanto objeto teórico, é um “campo de forças em permanente disputa”, cuja delimitação é tanto epistemológica quanto política. Essa incompletude constitutiva não é uma falha, mas uma característica intrínseca de um campo cujo objeto, o discurso, é, por definição, transversal, encontrando-se disperso e atuante em todas as demais ciências humanas e campos da comunicação.

A própria noção de discurso, tal como operacionalizada pela Análise do Discurso (AD) a partir de Pêcheux, carrega em si um paradoxo fundante: busca-se isolar e analisar um objeto (o discurso como “efeito de sentido entre locutores”) que, ao mesmo tempo, é o medium universal da vida social. O discurso não é apenas um *objeto* de estudo linguístico ou comunicacional; é a própria substância de que são feitas a história, a política, a ciência e a cultura. Essa ubiquidade torna a AD uma disciplina necessariamente intersticial e interdisciplinar, sempre em diálogo tenso com a Sociologia, a História, a Antropologia e a Ciência Política. No entanto, essa transversalidade também esgarça seus limites metodológicos: onde termina a análise linguística e começa a interpretação sociológica? Até que ponto a busca pelos “processos de significação” pode avançar sem dissolver seu próprio objeto em uma teoria geral da sociedade?

A história da Análise do Discurso no Brasil é sintomática dessa relação simbiótica e, ao mesmo tempo, tensa, com a história do pensamento linguístico. Enquanto a linguística estrutural e a linguística textual buscavam a sistematização interna da língua ou do texto, a AD, fortemente influenciada pela releitura brasileira de Pêcheux e pela teoria da enunciação de Bakhtin, deslocou o foco para as condições de produção dos enunciados. Autores como Eni Orlandi, ao iniciar uma escola brasileira de AD, enfatizaram a necessidade de se pensar a língua atravessada pela ideologia e pela história, em um movimento que tanto se afastava do formalismo quanto se aproximava de uma análise política da linguagem. Esse percurso, no entanto, não foi linear. Como aponta Soares (2024), houve um constante “vaivém epistemológico”, no qual conceitos da

linguística (como paráfrase, polifonia, gênero do discurso) foram reapropriados e ressignificados para dar conta de fenômenos discursivos complexos, como a formação de imaginários sociais e os mecanismos de exclusão simbólica.

Essa reflexão, portanto, evidencia que os limites da Análise do Discurso são os limites mesmos de sua ambição. Ao recusar uma concepção de linguagem como código transparente ou reflexo do mundo, e ao abraçar a noção de discurso como prática social constitutiva da realidade, a AD assume a pesada tarefa de dar conta da incomensurável complexidade do simbólico. Seu “lado outro do percurso” é justamente o reconhecimento de que toda interpretação discursiva é parcial, situada e, em certa medida, provisória, um efeito de sentido entre outros possíveis, marcado pela historicidade de suas ferramentas e pela posição de seu analista.

Consequentemente, a crítica ao “relativismo” da interpretação, que o artigo anterior associa ao surgimento das *fake news*, também pode ser dirigida à própria empresa discursiva. A abertura infinita dos sentidos, teorizada pela AD, quando desvinculada de uma rigorosa reflexão sobre seus próprios protocolos e responsabilidades éticas, pode, na verdade, alimentar um relativismo onde qualquer interpretação se torna válida. O desafio que se coloca, então, não é o de buscar uma completude impossível, mas o de trabalhar conscientemente a partir dessa incompletude, articulando, como propõe Soares (2024), uma “epistemologia da suspeita” com uma “ética da responsabilidade interpretativa”. Só assim a Análise do Discurso poderá enfrentar, sem se perder em seus próprios limites, os objetos mais espinhosos de nosso tempo, como a pós-verdade e os discursos de ódio, entendendo-os como frutos também das dinâmicas de significação que ela própria ajuda a descrever e a questionar.

Um percurso comparativo: tensionamentos e sínteses possíveis

Ao colocar em diálogo as seções anteriores, que percorreram, respectivamente, a institucionalização e diversificação da AD no Brasil e sua condição inescapável de incompletude, é possível visualizar não uma linha reta e progressiva, mas um campo de forças em constante tensão. Este percurso comparativo revela como os avanços e a consolidação do campo estão intrinsecamente ligados aos seus limites e dilemas, constituindo duas faces da mesma moeda discursiva.

De um lado, o movimento de institucionalização e apropriação criativa, detalhado na primeira parte do percurso, evidencia um esforço de delimitação e autonomia. A AD

buscou se firmar como um campo científico específico, com objetos, métodos e teorias reconhecíveis, através da criação de programas de pós-graduação, grupos de pesquisa e um cânone bibliográfico que mescla os pilares europeus (Pêcheux, Foucault) com formulações brasileiras (Orlandi, Guimarães). Como observa Ruiz (2021), esse foi um gesto de construção de uma “análise do discurso brasileira”, que, ao operar um “jeitinho brasileiro” de leitura, transformou a herança recebida. A vertente materialista, a semântica do acontecimento e os estudos foucaultianos, entre outros, representam a resposta a um anseio por completude epistemológica, a vontade de constituir um sistema teórico capaz de dar conta, de modo abrangente e sistemático, dos fenômenos discursivos brasileiros.

De outro lado, a seção “Por outro lado do percurso” expõe a incompletude constitutiva que assombra esse mesmo projeto. A transversalidade do discurso, seu caráter de medium universal da vida social, torna qualquer tentativa de enclausurá-lo em uma disciplina uma tarefa paradoxal (Soares, 2024). Aqui, o que se destaca não é a capacidade de delimitação, mas a consciência aguda dos limites, limites metodológicos (até onde vai a linguística?), limites éticos (o relativismo dos sentidos) e limites políticos (a colonialidade do saber criticada por Soares, 2023). Enquanto a primeira narrativa é marcada pela expansão e diversificação, a segunda é atravessada pelo questionamento e pela autorreflexão sobre os riscos desse próprio crescimento, como o esgarçamento interpretativo que pode alimentar fenômenos como a pós-verdade.

A comparação entre esses dois movimentos ilumina a dinâmica central do campo. A História das Ideias Linguísticas (HIL), como aponta Ferreira (2018), surgiu nesse interstício, sendo ao mesmo tempo um fruto da institucionalização da AD (ao buscar historicizar os conceitos linguísticos) e uma prática que reforça a incompletude, ao mostrar que os próprios fundamentos da análise (a noção de língua, de sujeito, de sentido) são construções históricas e discursivas, portanto, instáveis. Da mesma forma, o chamado à descolonização (Soares, 2023) é simultaneamente um produto da maturidade do campo (que já não se contenta em reproduzir teorias) e um reconhecimento de seu limite fundacional: a dificuldade de escapar de uma matriz eurocêntrica mesmo na crítica a ela. Portanto, o percurso histórico da AD no Brasil não é nem uma simples saga de sucesso institucional, nem uma narrativa de fracasso frente à complexidade do real. É, antes, uma dialética entre o gesto de estabilizar e o impulso de questionar. A “semântica do acontecimento” (Guimarães, 2005) é exemplar: ela oferece um aparato teórico estável (um “sistema” semântico), mas o fundeia justamente na instabilidade do “acontecimento”

histórico. Da mesma forma, a análise de discurso materialista fornece categorias sólidas (“condições de produção”, “formação discursiva”), mas as aplica para desestabilizar a solidez aparente dos sentidos.

Portanto, pode-se afirmar que a força e a vitalidade da AD no Brasil residem precisamente nesta capacidade de sustentar-se nesse tensionamento produtivo. O desafio futuro, como sugerido, não está em resolver a tensão em favor de uma completude impossível ou de um relativismo irresponsável, mas em continuar a operar dentro dela, cultivando, como propõe Soares (2024), uma “epistemologia da suspeita” aliada a uma “ética da responsabilidade interpretativa”. Isso significa reconhecer que cada gesto de institucionalização e de delimitação de um objeto deve vir acompanhado de um gesto reflexivo de desestabilização crítica, num movimento contínuo que mantém o campo aberto, vivo e relevante para interpretar os dramas sociais de seu tempo, sem jamais se considerar totalmente pronto ou dono da última palavra.

Considerações finais

Este artigo buscou mapear e refletir sobre o percurso histórico da Análise do Discurso (AD) no Brasil, desde sua recepção criativa das teorias francesas até a constituição de um campo de pesquisa plural e relativamente autônomo. Ao percorrer as trajetórias de sua institucionalização, a diversificação de suas vertentes teóricas e a crítica contínua a seus próprios limites, o estudo teve como objetivo principal compreender como se configurou, no contexto acadêmico brasileiro, um ambiente singular no qual o discurso se tornou um objeto central de investigação.

A importância desta investigação reside em sua capacidade de evidenciar que a AD no Brasil não é mera reprodutora de modelos importados, mas um campo dinâmico que realiza uma constante tradução teórica e política dos conceitos fundadores. Como demonstrado, esse processo se deu através de um duplo movimento: de um lado, a institucionalização e a construção de uma completude epistemológica projetada, com a formação de grupos de pesquisa, a consolidação de linhas teóricas próprias (como a semântica do acontecimento) e a ampliação do escopo de objetos; de outro, o reconhecimento de uma incompletude constitutiva, marcada pela transversalidade do discurso, pelos tensionamentos metodológicos e pela urgência de uma descolonização do pensamento.

Os resultados da análise indicam que a vitalidade e a relevância contemporânea da

AD brasileira derivam precisamente de sua capacidade de operar nesse tensionamento produtivo entre estabilização e questionamento. Esse movimento permitiu que o campo desenvolvesse ferramentas analíticas sofisticadas para ler a realidade brasileira em suas complexidades políticas, sociais e culturais, ao mesmo tempo em que mantém uma autorreflexão crítica sobre seus fundamentos e seus efeitos no mundo social.

Portanto, compreende-se que o percurso histórico da AD no Brasil é emblemático de uma ciência social engajada e reflexiva, que assimilou teorias estrangeiras de forma antropofágica, criou formulações originais e segue se desafiando a enfrentar os dilemas de seu tempo, desde os discursos autoritários do passado recente até os fenômenos complexos da desinformação e da pós-verdade na era digital. O desafio que se coloca para o futuro do campo não é o de superar sua condição inacabada, mas o de continuar a trabalhar a partir dela, cultivando uma práxis discursiva responsável, eticamente orientada e socialmente comprometida, capaz de interpretar os sentidos em disputa sem perder de vista os fundamentos que tornam essa interpretação relevante e necessária para a compreensão e a transformação da sociedade brasileira.

Referências

- BARONAS, R. L. *Estudos discursivos à brasileira: uma introdução*. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- FERREIRA, A. C. F. A análise de discurso e a constituição de uma história das ideias linguísticas do Brasil. *Fragmentum*, n. Especial, p. 17-47, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/36580>. Acesso em: 31 jan. 2026.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012 [1969].
- GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.
- GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- ORLANDI, E. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI, E. P. Ler Michel Pêcheux hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012, p. 11-20.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et. al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1975].

RUIZ, M. A. A. Por uma análise do discurso brasileira: gestos de leitura na construção de um campo de pesquisa. *Forum Linguístico*, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 6455-6465, jul./set. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77815> Acesso em: 15 jan. 2026.

SOARES, T. B. Descolonizar a análise do discurso brasileira: um ensaio acerca da formação imaginária eurocêntrica. *Periferia*, v. 15, p. 1-18, 2023, e74881. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/74881>. Acesso em: 31 jan. 2026.

SOARES, T. B. Un recorrido por la noción de discurso o los límites de la interpretación. v. 11 n. 1, 2024: *Logeion: Filosofia da Informação*. Disponível em:

<https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/7164>. Acesso em: 31 jan. 2026

SOARES, T. B. *Arquiteturas do sentido: linguagem, história e simbolismo*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025.